INTRODUÇÃO

O médico que escreveu este relato das suas experiências enquanto jovem faleceu em 1911, e os leitores que nada sabem acerca da história temerariamente experimental da medicina escocesa talvez o considerem, erradamente, ficção grotesca. No fim desta introdução, aqueles que analisarem as provas dadas não duvidarão de que, na última semana de fevereiro de 1881, no n.º 18 de Park Circus, em Glasgow, um génio da cirurgia usou restos mortais humanos para criar uma mulher com vinte e cinco anos. O historiador local Michael Donnelly discorda de mim. Foi ele quem recuperou o texto que constitui a maior parte do livro, por isso devo dizer como o encontrou.

A vida em Glasgow era muito entusiasmante na década de 1970. As antigas indústrias que criaram este lugar estavam a ser fechadas e deslocadas para sul, enquanto os governadores eleitos (por razões que qualquer economista político pode explicar) compravam blocos de habitação de vários andares e uma rede de autoestradas continuamente em expansão. No museu de história local em Glasgow Green, a curadora Elspeth King e o seu ajudante Michael Donnelly fizeram horas extraordinárias para adquirir e preservar vestígios de cultura local que estava a perder-se no passado. Desde a Primeira Guerra Mundial, o Conselho Municipal não tinha atribuído fundos ao museu de história local (chamado Palácio do Povo) para comprar algo novo, portanto, as aquisições de Elspeth e Michael eram quase todas recuperadas de edifícios com demolição programada. Foi arrendado um armazém na fábrica de tapetes de Templeton (que fecharia em breve) e Michael Donnelly trouxe para este lugar conjuntos de vitrais, azulejos, cartazes de teatro, estandartes de sindicatos dissolvidos e todo o tipo de documentos históricos. Por vezes, Elspeth King prestava a Michael ajuda manual neste trabalho, dado que o resto da sua equipa era composta por assistentes enviados pela direção da galeria de arte de Kelvingrove que não eram pagos para salvar objetos de edifícios imundos e perigosos. E, obviamente, Elspeth e Michael também não o eram, pelo que as novas, e muito bem-sucedidas, exposições que organizavam não custavam praticamente nada ao Conselho Municipal.

Uma manhã, ao passar pelo centro da cidade, Michael Donnelly viu um amontoado de pastas de arquivo antigas na borda de um passeio, claramente colocado lá para ser recolhido e destruído pelo Departamento de Limpeza.

Ao analisá-las, descobriu cartas e documentos datados do início do século, lixo de um escritório de advogados extinto. Uma firma moderna ficara com o que restava do antigo negócio e deitara fora aquilo de que não precisava. A papelada estava maioritariamente relacionada com acordos de propriedade entre pessoas e famílias que outrora tinham ajudado a dar forma à cidade, e Michael viu o nome da primeira mulher que se doutorou na Universidade de Glasgow, atualmente conhecida apenas pelos historiadores do movimento sufragista, apesar de ter escrito um folheto fabiano sobre saúde pública. Michael decidiu levar os documentos de táxi e folheá-los calmamente; mas primeiro ligou à firma que tinha deixado lá as caixas e pediu permissão. Foi-lhe negada. Um sócio maioritário (um advogado e político local conhecido cujo nome não será mencionado aqui) explicou a Michael que a vista de olhos que dera aos documentos fora um ato criminoso, uma vez que não eram propriedade dele e destinavam-se à incineradora municipal. Disse que todos os advogados prestavam juramento de manter privados os negócios dos clientes, quer o advogado tivesse herdado o negócio ou não, quer o cliente estivesse vivo ou morto. Afirmou ainda que a única forma garantida de manter a privacidade de antigos negócios era destruir qualquer prova do que acontecera, e se Michael Donnelly impedisse a destruição de alguma coisa do amontoado, seria acusado de roubo. Então, Michael deixou o amontoado como estava, exceto algo pequeno que guardara casualmente antes de saber que se tratava de um crime.

Era um pacote selado com as seguintes palavras escritas a tinta castanha esbatida: *Propriedade da Dra. Victoria McCandless / À atenção do mais velho dos seus netos ou descendentes ainda vivos após agosto de 1974 / Não deve ser aberto antes.* Uma mão recente usara uma esferográfica moderna para rabiscar uma linha ziguezagueada pelo pacote e a seguinte anotação por baixo: *Sem descendentes vivos.* O lacre no pacote fora partido numa ponta e o papel rasgado, mas quem o fizera achara o livro e a carta tão desinteressantes que os enfiara de volta sem cuidado. Ambos estavam parcialmente fora do pacote e a carta encontrava-se amassada, em vez de dobrada. Donnelly, o ladrão malicioso, examinou-os atentamente no Palácio do Povo, durante a pausa para chá.

O livro tinha 18,5 por 11,5 centímetros e estava encadernado em tecido preto com um adorno grotesco estampado na capa. Na guarda, alguém rabiscara um verso sentimental. Na página de rosto estava impresso o seguinte:

EPISÓDIOS DA JUVENTUDE de um DELEGADO ESCOCÊS DE SAÚDE PÚBLICA / Dr. Archibald McCandless / Águas-fortes por William Strang / GLASGOW: Publicado para o Autor por ROBERT MACLEHOSE & COMPANY Impressão para a Universidade 1909. Este não era um título encorajador. Publicavam-se muitos livros fúteis e mexeriqueiros nesses tempos, com títulos como *Páginas do Diário de um Inspetor* e *As Opiniões e Preconceitos de Frank Clark, Advogado*. Quando o autor paga à editora por eles (como neste caso), os livros costumam ser mais aborrecidos do que aqueles pelos quais a editora pagou ao autor. Virando a página, para o primeiro capítulo, Michael viu um título típico da época:

CAPÍTULO PRIMEIRO

A minha mãe – o meu pai – Universidade de Glasgow e dificuldades iniciais – retrato de um professor – proposta financeira, rejeitada – o meu primeiro microscópio – inteligência igual.

O que mais interessou Michael Donnelly foram as ilustrações de Strang, todas retratos. William Strang (1859–1921) foi um artista escocês nascido em Dumbarton, que estudou sob a orientação de Alphonse Legros na Escola de Artes de Slade, em Londres. Nos dias de hoje é conhecido pelas suas gravuras e não pelas suas pinturas, e algum do seu melhor trabalho encontra-se na ilustração de livros. Um médico que podia pagar a Strang para gravar imagens para um livro impresso particularmente deveria ter um rendimento superior ao da maioria dos delegados de saúde pública; contudo, Archibald McCandless, cujo rosto estava no frontispício, não tinha aspeto de homem rico nem de médico. A carta que acompanhava o livro era ainda mais desconcertante. Era da Dra. Victoria McCandless, viúva do autor, a esclarecer os descendentes que nunca existiram que o livro estava repleto de mentiras. Eis uma parte:

Quando chegar o ano de 1974… os outros membros vivos da dinastia McCandless terão dois avôs ou quatro bisavôs, e facilmente se rirão da aberração de um deles. Não consigo rir deste livro. Estremeço ao vê-lo e agradeço à Força da Vida que o meu falecido marido tivesse apenas esta única cópia impressa e encadernada. Queimei… o manuscrito original e teria queimado este também, como ele sugere na guarda, mas infelizmente é praticamente a única prova de que o pobre coitado existiu. Além de que ele pagou uma fortuna por ele… Não

me interessa o que a posteridade pensa disto, desde que ninguém presentemente vivo o associe a MIM.

Michael notou que talvez valesse a pena analisar com mais atenção tanto o livro como a carta, por isso juntou-os a mais materiais nos quais se concentraria quando tivesse tempo.

E ali ficaram. Nessa tarde, soube que a antiga Faculdade de Teologia da Universidade de Glasgow estava a ser esvaziada para renovação por uma firma de promotores imobiliários. (Agora são apartamentos de luxo.) Michael descobriu que continha mais de uma dúzia de grandes pinturas a óleo escocês dos séculos XVIII e XIX, que também seriam queimadas na incineradora municipal, em Dawsholm Park, se ele não as tivesse cortado das suas molduras (estavam aparafusadas à parede a uma altura proeminente) e levado para a galeria de arte municipal, em Kelvingrove, onde foi encontrado espaço para elas num armazém atulhado. Mais de uma década se passou antes de Michael Donnelly ter tempo de se sentar a investigar história social calmamente. Deixou o Palácio do Povo em 1990, quando Glasgow foi oficialmente declarada a Capital Europeia da Cultura pelo ministro das Artes de Margaret Thatcher, e ao sair levou novamente consigo o livro e a carta que (tinha a certeza) não significariam nada para quem o substituísse… se isso acontecesse.

Conheci Michael Donnelly em 1977, quando Elspeth King me deu trabalho no Palácio do Povo como artista-registador, mas quando me contactou no outono de 1990, eu tornara-me um escritor por conta própria com ligações a várias editoras. Emprestou-me este livro, dizendo que o considerava uma obra-prima perdida que devia ser impressa. Concordei com ele, e respondi que a arranjaria se ele me desse controlo total da edição. Ele concordou, um pouco relutante, quando prometi que não faria alterações ao texto de Archibald McCandless. De facto, a parte central deste livro é tão próxima de um fac-símile do original de McCandless quanto possível, com as águas-fortes de Strang e outros desenhos ilustrativos reproduzidos fotograficamente. Contudo, substituí os longos títulos dos capítulos por uns mais sucintos, criados por mim. O capítulo 3, que tinha originalmente o título: *A descoberta de* Sir *Colin – suspender uma vida – «Para que serve?» – os coelhos estranhos – «Como é que o fez?» – esperteza inútil e o que os gregos sabiam – «Adeus» – o buldogue de Baxter – uma mão horrível*: agora é simplesmente

intitulado «A Desavença». Também insisti em dar ao livro o novo título *POBRES CRIATURAS*. *Criaturas* são mencionadas com frequência na história e cada uma das personagens (exceto a Sra. Dinwiddie e dois dos parasitas do General) é chamada de *pobre* ou chama-o a si mesma, a certa altura. Acrescentei como epílogo do livro a carta da senhora que se apresenta como «Victoria» McCandless. Michael preferia que fosse a introdução, mas, se for lida antes do texto central, influenciará os leitores. Se for lida depois, percebemos facilmente que é a carta de uma mulher perturbada que quer esconder a verdade sobre o seu começo na vida. Além disso, nenhum livro precisa de duas introduções e eu estou a escrever esta.

Temo que eu e Michael Donnelly discordemos sobre este livro. Ele considera-o ficção com humor negro, na qual algumas experiências reais e factos históricos foram engenhosamente integrados, um livro como *Old Mortality*, de Walter Scott, e *Memórias Íntimas* e *Confissões de um Pecador Justificado*, de James Hogg. Considero-o semelhante a *Life of Samuel Johnson*, de James Boswell; um retrato afetuoso de um homem extraordinariamente bom, resoluto, inteligente e excêntrico, feito por um amigo com memória para diálogo. Tal como Boswell, o modesto McCandless torna a sua narrativa aberta a cartas de outros que mostram o tema de uma perspetiva diferente, e acaba por desvendar toda uma sociedade. Também disse a Donnelly que eu escrevera ficção suficiente para saber quando estou a ler uma história real. Ele retorquiu que escrevera histórias reais suficientes para reconhecer ficção. Só havia uma resposta a isto; tinha de me tornar um historiador.

E foi isso que fiz. Sou um historiador. Após seis meses de pesquisa entre os arquivos da Universidade de Glasgow, a Sala da Antiga Glasgow na Biblioteca Mitchell, a Biblioteca Nacional da Escócia, os Arquivos Públicos em Edimburgo, a Somerset House em Londres e a Hemeroteca Nacional da Biblioteca Britânica em Colindale, reuni provas concludentes suficientes para provar que a história de McCandless é completamente constituída por factos. Apresento algumas destas provas no fim do livro, mas a maior parte já aqui. Os leitores que simplesmente querem uma boa história bem contada devem ir imediatamente para a parte central do livro. Os céticos profissionais poderão desfrutar mais se analisarem esta lista de acontecimentos primeiro.

29 de agosto de 1879: Archibald McCandless matricula-se como estudante de medicina na Universidade de Glasgow, onde Godwin Baxter (filho do famoso cirurgião e ele próprio um cirurgião no ativo) é professor auxiliar no departamento de anatomia.

18 de fevereiro de 1881: O corpo de uma mulher grávida é resgatado do rio Clyde. O cirurgião da polícia, Godwin Baxter (cuja habitação é na porta n.º 18 de Park Circus) declara morte por afogamento, e descreve-a da seguinte forma: «cerca de 25 anos, 180 centímetros de comprimento, cabelo castanho-escuro e ondulado, olhos azuis, tez clara, mãos não habituadas a trabalho duro; bem vestida». O corpo é anunciado, mas não reclamado.

29 de junho de 1882: Ao pôr do sol, foi ouvido um som extraordinário pela maioria da bacia hidrográfica do rio Clyde e, apesar de ser muito discutido pela imprensa local durante os dias seguintes, nunca foi encontrada uma explicação satisfatória para tal som.

13 de dezembro de 1883: Duncan Wedderburn, solicitador, normalmente residente na casa da sua mãe, no n.º 41 de Aytoun Street, Pollokshields, é internado no Hospício Real para Lunáticos de Glasgow como louco incurável. Segue-se um relatório do *The Glasgow Herald*, dois dias mais tarde: «Na passada tarde de sábado, membros do público queixaram-se à polícia de que um dos oradores no fórum aberto em Glasgow Green usara linguagem indecente. O agente a investigar encontrou o orador, um homem de vinte e tal anos vestido decentemente, a fazer afirmações difamatórias sobre um respeitado e filantropo membro da profissão médica de Glasgow, misturando-as com obscenidades e citações da Bíblia. Quando acautelado a parar, o orador intensificou as suas obscenidades e foi levado com grande dificuldade para o comissariado da polícia em Albion Street, onde um médico o declarou apto a ser detido, mas não para responder à acusação. O nosso enviado especial conta que se trata de um advogado de direito civil de boas famílias. Não foi apresentada queixa.»

27 de dezembro de 1883: O General *Sir* Aubrey de la Pole Blessington, outrora conhecido como «Thunderbolt» Blessington, mas agora deputado

liberal por Manchester North, morre pelas suas próprias mãos na sala de armas de Hogsnorton, a sua casa de campo em Loamshire Downs. Nem os obituários nem os relatos do funeral mencionam a sua viúva, apesar de ter casado com Victoria Hattersley, de vinte e quatro anos, três anos antes, e nem a sua separação legal nem a sua morte foram registadas.

10 de janeiro de 1884: Com licença especial, um contrato de casamento civil é assinado entre Archibald McCandless, médico interno na Enfermaria Real de Glasgow, e Bella Baxter, solteirona de Barony. As testemunhas são Godwin Baxter, membro do Colégio Real de Cirurgiões, e Ishbel Dinwiddie, governanta. Os noivos e ambas as testemunhas residiam no n.º 18 de Park Circus, onde se realiza o casamento.

16 de abril de 1884: Godwin Baxter morre no n.º 18 de Park Circus do que o Dr. Archibald McCandless (que assina o certificado de morte) descreve como «crise cerebral e cardíaca provocada por disfunção neural, respiratória e alimentar hereditária». O *The Glasgow Herald*, relatando o serviço fúnebre na necrópole, menciona «o caixão de forma peculiar», e que o falecido deixou todos os seus bens ao Dr. e à Sra. McCandless.

2 de setembro de 1886: A mulher que casou com o Dr. Archibald McCandless, sob o nome Bella Baxter, matricula-se na Escola Sophia Jex-Blake de Medicina para Mulheres sob o nome *Victoria* McCandless.

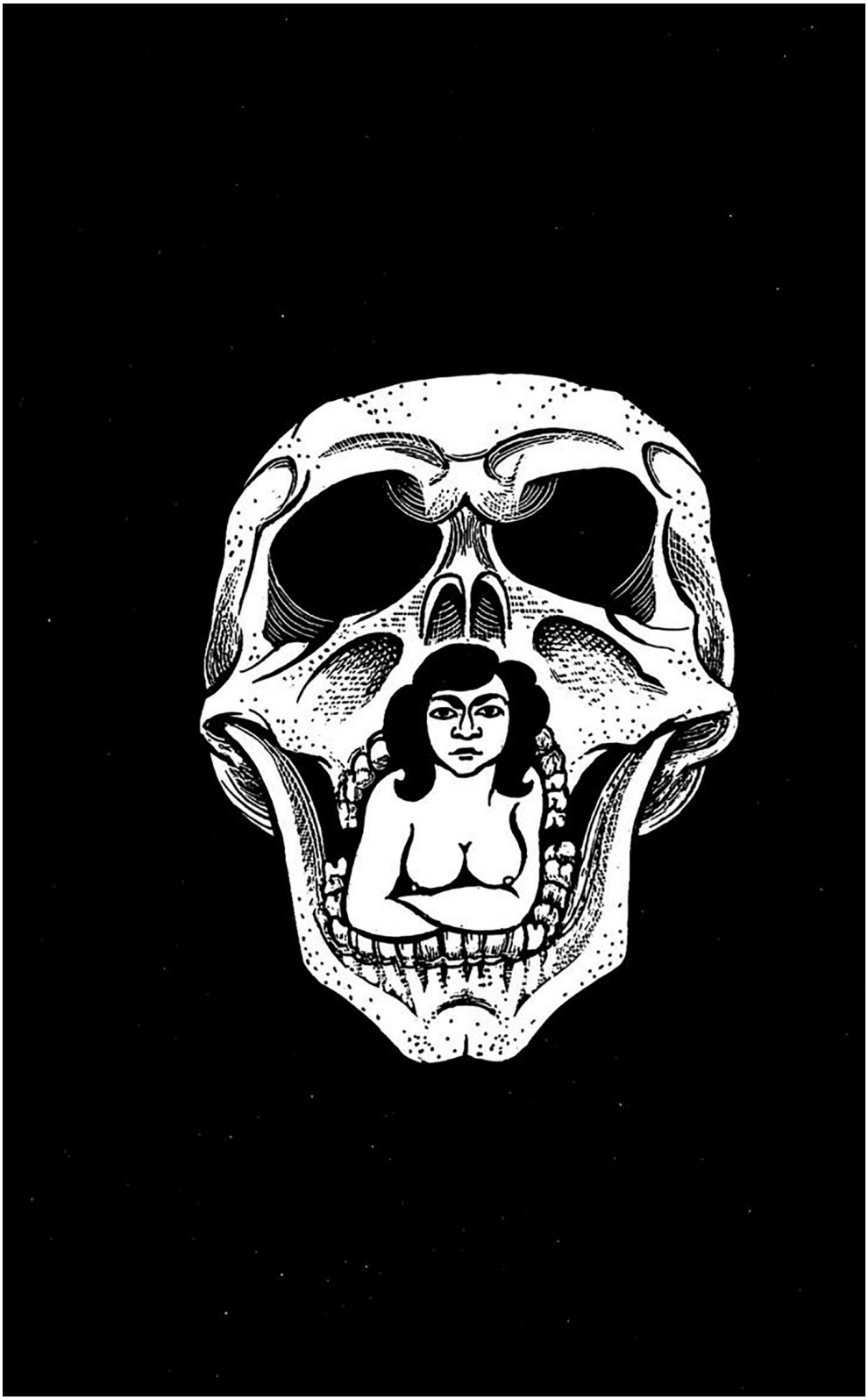
Michael Donnelly disse-me que acharia as provas acima mais convincentes se eu tivesse obtido cópias oficiais dos certificados de casamento e de morte e fotocópias das reportagens dos jornais, mas se os meus leitores confiarem em mim, não me importa o que pensa um «especialista». O Sr. Donnelly já não é tão amigável como antes. Culpa-me pela perda do volume original, o que é injusto. Eu teria, de boa vontade, enviado uma fotocópia à editora e devolvido o original, mas isso teria acrescentado pelo menos trezentas libras aos custos de produção. As máquinas modernas conseguem «scanear» um livro a partir de uma página datilografada, mas com uma fotocópia têm de digitar tudo de novo; além disso, o livro era preciso por um especialista fotográfico, para fazer fotólitos a partir dos quais as águas-fortes de Strang e fac-símiles da carta de Bella pudessem ser reproduzidos. Algures entre o

coordenador, a editora, a máquina de «scanear» e o especialista, a excecional primeira edição foi extraviada. Estes erros acontecem continuamente na produção de livros, e ninguém os lamenta mais do que eu.

Terminarei esta introdução com uma breve lista de conteúdos na qual é dada posição de destaque à reimpressão levemente editada do volume de McCandless.

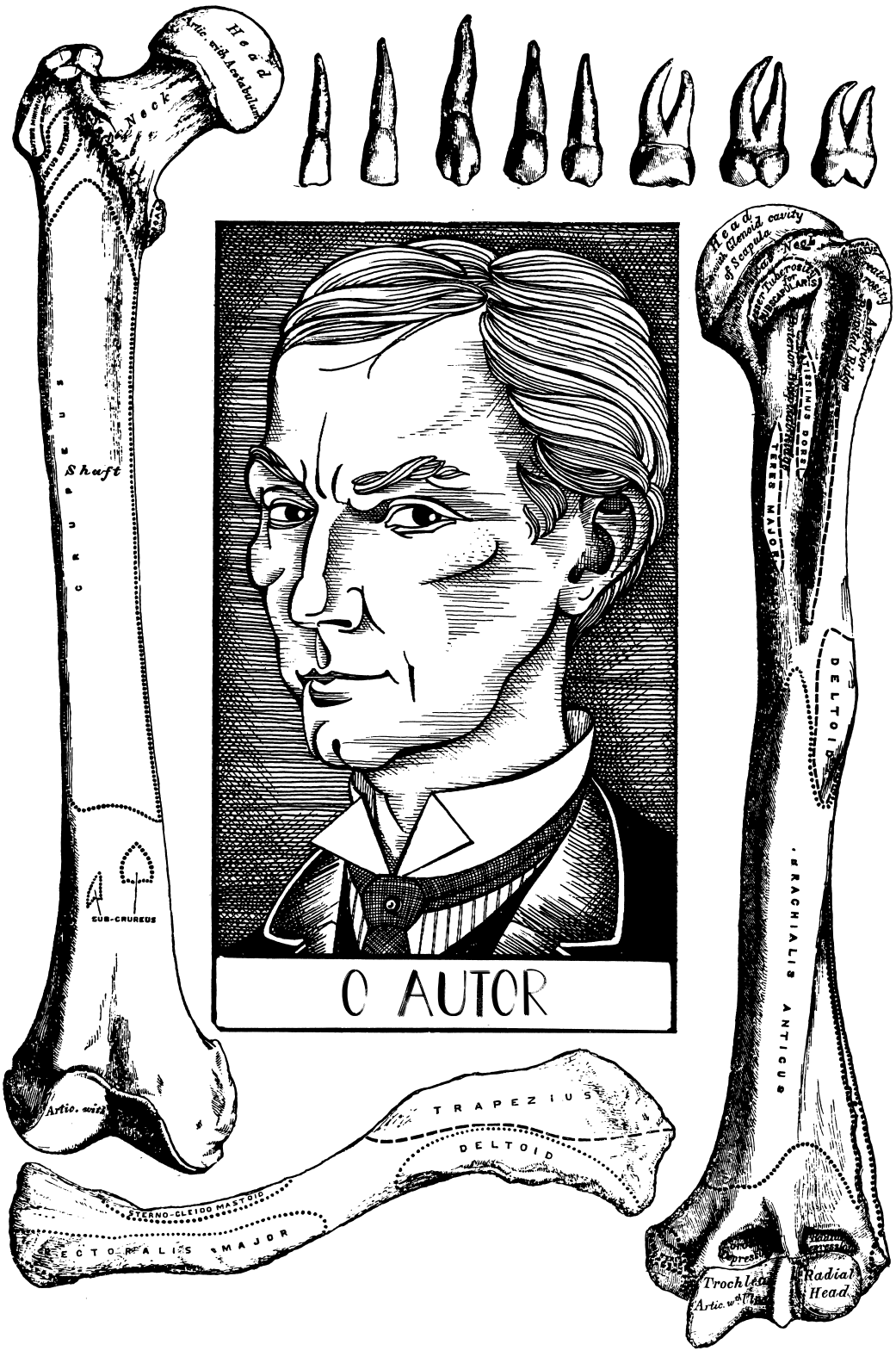
INTRODUÇÃO
por Alasdair Gray
página 9
Episódios da Juventude de um Delegado Escocês de Saúde Pública
pelo Dr. Archibald McCandless
página 21
Carta sobre o livro para um neto ou bisneto
pela Dra. «Victoria» McCandless
página 255
NOTAS DE FIM, HISTÓRICAS E CRÍTICAS
por Alasdair Gray
página 277

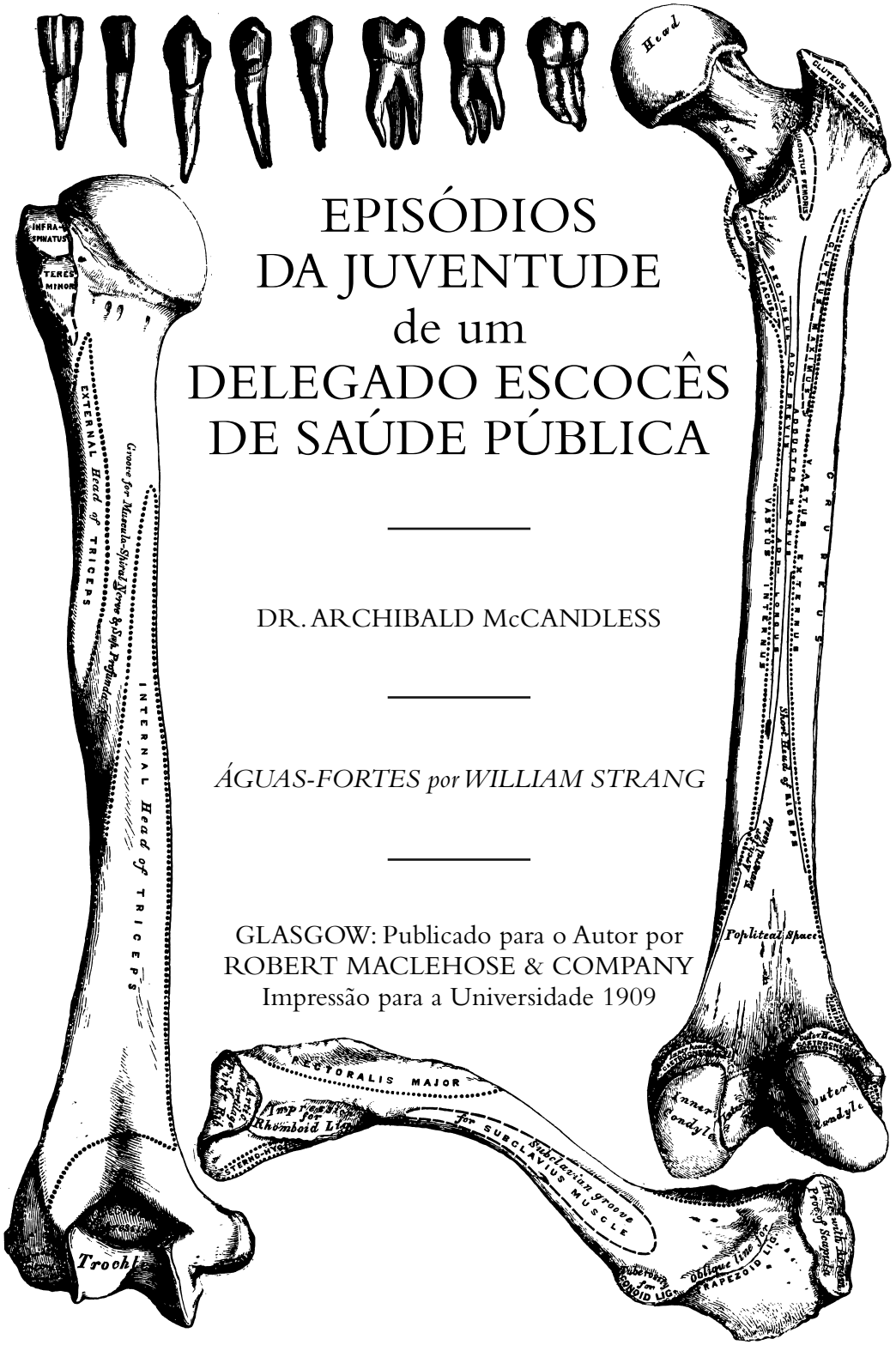
Ilustrei as notas de fim com algumas gravuras do século XIX, mas foi McCandless quem preencheu os espaços no seu livro com ilustrações da primeira edição de *Gray's Anatomy*: provavelmente porque ele e o seu amigo Baxter aprenderam dela a bondosa arte de curar. O desenho grotesco da página seguinte é de Strang, e estava estampado a prateado na capa do volume original.



Minha querida, bondosa e famosa doutora,
sorri com este tributo de um amante
que foi paciente, velho marido tolo,
e doutor também.
Beija o meu último livro e (dado que não
o podes devolver)
Lê-o uma única vez e, então, se o odiares,
queima-o!

Com amor,
Archie, junho de 1911.


Head
Artic. with Acetabulum
Neck
Shaft
SUB-CRUREUS
Artic. with
TRAPEZIUS
DELTOID
STERNO-CLEIDO MASTOID
PECTORALIS MAJOR
Head
Glenoid cavity
of Scapula
Neck
TERES MAJOR
DELTOID
BRACHIALIS ANTICUS
Trochlear
Artic. with Ulna
Radial
Head
O AUTOR



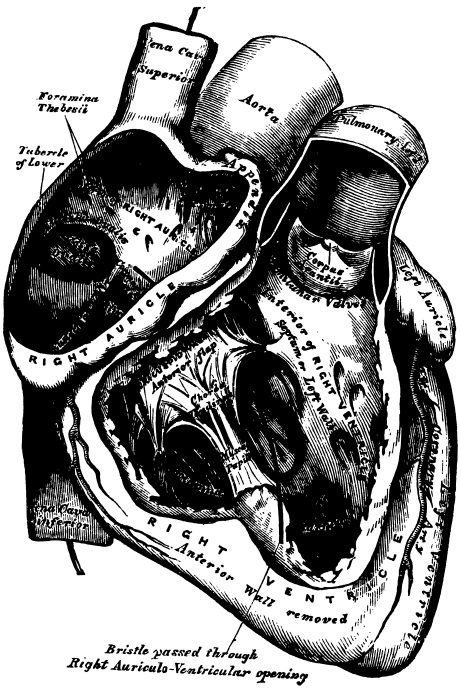
EPISÓDIOS DA JUVENTUDE de um DELEGADO ESCOCÊS DE SAÚDE PÚBLICA

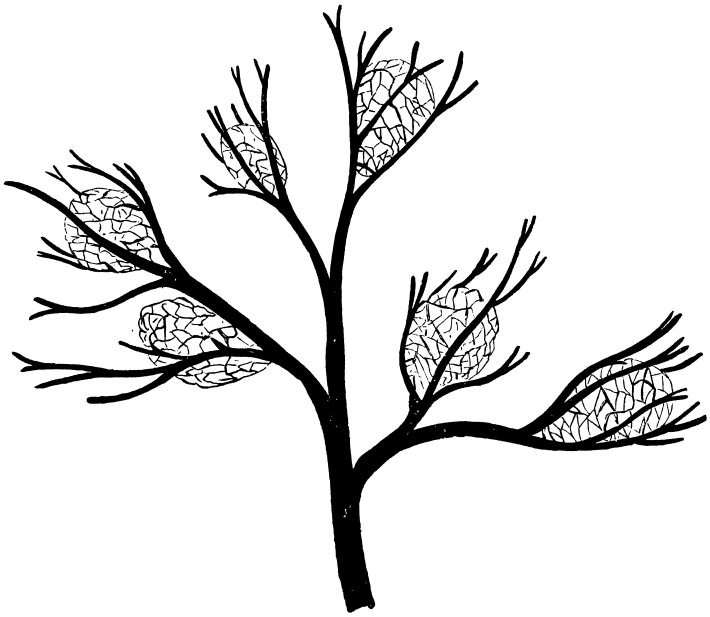
DR. ARCHIBALD McCANDLESS

ÁGUAS-FORTES por WILLIAM STRANG

GLASGOW: Publicado para o Autor por
ROBERT MACLEHOSE & COMPANY
Impressão para a Universidade 1909

Pobres criaturas - FINAL.indd 21 16/05/2024 12:38:22

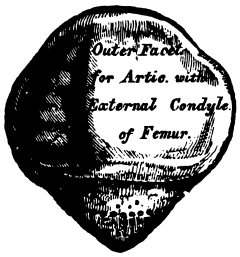

Aorta
Foramina Thebesii
Tubercle of Lower
RIGHT AURICLE
Left Auricle
RIGHT
Anterior Wall removed
Bristle passed through
Right Auriculo-Ventricular opening



PARA AQUELA
QUE FAZ A MINHA VIDA
VALER A PENA



Í N D I C E



1: A MINHA CRIAÇÃO Página 27

2: A CRIAÇÃO DE GODWIN BAXTER 30

3: A DESAVENÇA 39

4: UMA DESCONHECIDA FASCINANTE 45

5: A CRIAÇÃO DE BELLA BAXTER 52

6: O SONHO DE BAXTER 58

7: JUNTO À FONTE 63

8: O NOIVADO 73

9: À JANELA 81

10: SEM BELLA 87

11: PARK CIRCUS, N.º 18 94

A CARTA DE WEDDERBURN

12: *A Criação de um Louco* 97

13: INTERMISSÃO 117

A CARTA DE BELLA BAXTER

14: *De Glasgow a Odessa: Os Jogadores* 123

15: *De Odessa a Alexandria: Os Missionários* 142

16: *De Alexandria a Gibraltar: A Sabedoria Amarga de Astley* 163

17: *De Gibraltar a Paris: O Último Voo de Wedderburn* 175



18: *De Paris a Glasgow: O Regresso* 185

19: O MEU CAPÍTULO MAIS CURTO 195

20: GOD RESPONDE 197

21: UMA INTERRUPÇÃO 204

22: A VERDADE: O MEU CAPÍTULO MAIS LONGO 210

23: A ÚLTIMA RESISTÊNCIA DE BLESSINGTON 239

24: DESPEDIDA 245

ILUSTRAÇÕES

Retrato do Autor frontispício

Sr. Godwin Baxter,
a partir de um retrato por Ajax MacGillicuddy R.S.A. página 31

Bella Baxter,
a partir de uma fotografia no The Daily Telegraph 65

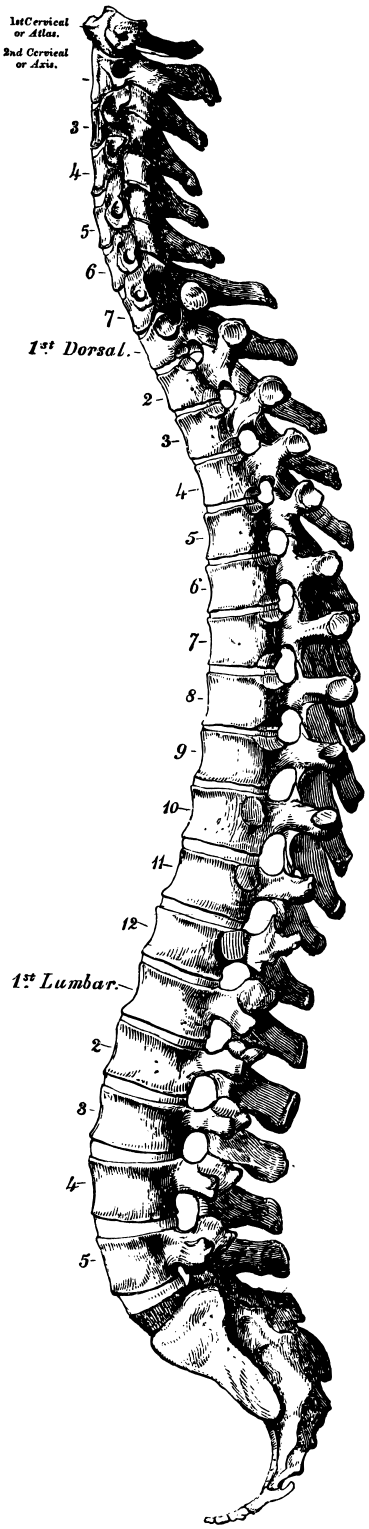
Duncan Wedderburn 98

Fac-símile de Bella Baxter MS. 157–162

Professor Jean Martin Charcot 191

General *Sir* Aubrey de la Pole Blessington, baronete C.V.,
do London Illustrated News 215

Blaydon Hattersley *do perfil nas suas moedas de emissão privada* 229


1st Cervical or Atlas.
2nd Cervical or Axis.
3
4
5
6
7
1st Dorsal.
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
1st Lumbar.
2
3
4
5

1
A Minha Criação

Tal como a maioria dos trabalhadores agrícolas naqueles tempos, a minha mãe não confiava em bancos. Quando a morte se começou a aproximar, contou-me que as suas poupanças estavam numa maleta de lata debaixo da cama e murmurou:

– Tira-o e conta-o.

Assim fiz, e o total era mais do que eu esperava. Ela disse:

– Usa-o para fazeres algo com a tua vida.

Disse-lhe que me tornaria médico, e a sua boca torceu-se no esgar cético que fazia a todas as ideias excêntricas. Momentos depois, sussurrou intensamente:

– Não gastes um tostão no enterro. Se o Scraffles me puser numa vala comum, que o leve o Diabo! Promete que vais guardar todo o meu dinheiro para ti.

Scraffles era a alcunha local para o meu pai e para uma doença que afetava aves de capoeira mal alimentadas. Scraffles chegou a pagar pelo enterro dela, mas disse-me:

– Deixo a lápide para ti.

Doze anos se passaram até eu ter dinheiro para uma pedra adequada, e por essa altura já ninguém se lembrava da localização da sepultura.

Na universidade, as minhas roupas e maneiras denunciavam as minhas origens agrícolas, e, uma vez que não deixava ninguém escarnecer de mim a esse respeito, costumava ficar sozinho à porta dos auditórios e das salas de exames. No fim do primeiro semestre, um professor chamou-me ao seu gabinete.

– Sr. McCandless, num mundo justo poderia prever um futuro brilhante para si, mas não neste mundo, a não ser que faça algumas mudanças. Pode tornar-se um cirurgião mais notável do que Hunter, um obstetra mais esplêndido do que Simpson, ou mesmo melhor do que Lister, mas, a não ser que adquira um toque de altivez suave ou humor relaxado, nenhum paciente irá confiar em si e os outros médicos irão evitá-lo. Não menospreze uma aparência cortês porque muitos tontos, snobes e patifes a têm. Se não tiver dinheiro para um bom casaco de um bom alfaiate, procure um que lhe sirva nas melhores casas de penhores. Durma com as suas calças cuidadosamente dobradas entre duas tábuas por baixo do colchão. Se não puder mudar a sua roupa interior todos os dias, pelo menos arranje forma de prender um colarinho acabado de engomar à sua camisa. Frequente saraus e outros convívios organizados pela classe para a qual os seus estudos o farão entrar. Não nos vai achar má companhia, e irá integrar-se gradualmente por um processo de imitação instintiva.

Expliquei-lhe que o meu dinheiro não conseguia pagar nada além das minhas propinas, manuais, instrumentos e sustento.

– Eu *sabia* que esse era o seu problema! – exclamou triunfantemente. – Mas o nosso senado trata dos fundos para casos merecedores como o seu. A maior parte das bolsas vai para os estudantes de teologia, mas porque é que as ciências haviam de ser excluídas? Acho que conseguimos arranjar forma de lhe dar pelo menos o valor de um fato novo, se nos abordar da maneira certa e se eu interceder por si. Que me diz? Tentamos?

Se ele tivesse dito «acho que tem direito a uma bolsa, é assim que se pode candidatar, e eu ficarei responsável por acompanhar o seu caso», eu podia ter-lhe agradecido; mas recostou-se na sua cadeira, com as mãos agarradas ao colete saliente e olhando-me de baixo (dado que eu não fora convidado a sentar-me) com um doce sorrisinho tão afetado que enfiei os punhos nos bolsos para evitar dar-lhe um soco nos dentes. Em vez disso, disse-lhe que vinha de uma parte de Galloway onde as pessoas não apreciavam mendigar por caridade, mas, já que ele tinha grande consideração pelas minhas capacidades, podíamos

arranjar forma de ambos lucrarmos. Sugeri que me emprestasse cem libras, das quais eu devolveria sete e meio por cento no aniversário do empréstimo até ao meu quinto ano como médico de clínica geral ou terceiro como médico especialista, altura em que devolveria a quantia original e acrescentaria um bónus de vinte libras. Ele não respondeu, pelo que acrescentei rapidamente:

– Claro que ficarei falido se não conseguir formar-me, ou se for expulso, mas acho que sou um investimento seguro. Que acha? Tentamos?

– Está a brincar? – murmurou ele, olhando-me fixamente, com os lábios a contraírem-se com o começo de um sorriso que queria que eu imitasse. Demasiado zangado para me rir da piada, encolhi os ombros, despedi-me e saí.

Talvez houvesse uma ligação entre esta entrevista e um envelope endereçado numa caligrafia desconhecida que chegou por correio uma semana mais tarde. Continha uma nota de cinco libras, uma quantia que gastei maioritariamente num microscópio em segunda mão, e o resto em camisas e colarinhos. Agora podia vestir-me menos como um lavrador e mais como um livreiro indigente. Os colegas consideraram isto uma melhoria, pois começaram a cumprimentar-me alegremente e a contar-me os mexericos atuais, apesar de eu não ter novidades para eles. Godwin Baxter era o único com quem falava como igual porque (ainda acredito) éramos as duas pessoas mais inteligentes e menos sociais pertencentes à faculdade médica de Glasgow.

